



O MAIS SOZINHO E (IN)FELIZ DE TODOS OS HOMENS NO MUNDO

Benjamin-Rimbaud

THE MOST ALONE AND (UN) HAPPY MAN IN THE WORLD

Benjamin-Rimbaud

81

Wiltonn William Leite¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
drwwleite@yahoo.com.br

Resumo

Neste ensaio, eu apresento dois autores, Artur Rimbaud e Walter Benjamin, em aspectos de suas vidas e obras nos quais se percebe algum traço em comum – ênfase em Artur Rimbaud. Benjamin tem um trabalho sobre Rimbaud que é objeto de estudo nesta análise. Rimbaud viveu – vive! sua poesia. Parte-se do primeiro poema de verso livre escrito por Rimbaud em direção a análise do seu poema-em-prosa – Uma temporada no inferno – enquanto a expressão de sua época na forma de obra de arte. Artur Rimbaud é pura vida. Walter Benjamin – melancolia. Rimbaud vive sua poesia em si mesmo – para si mesmo. Rimbaud vive como imagina e escreve – poetisa! profetiza o que viverá em seguida. Benjamin – reflete sobre o que Rimbaud escreve e vive. – Não immortaliza a sua tristeza? na filosofia! expressa a angustia do exilado de si mesmo em si mesmo sem Deus. Rimbaud eterniza cada movimento afetivo que sua alma inquieta lhe joga ao seu existir – querendo arrombar o espetacular que transcorre – se faz presente por violenta incursão no presente. Neste ensaio – na análise da obra de arte como expressão de uma época serão trabalhados os textos de Benjamin - Surrealismo e A Obra de Arte –; também serão feitas referências ao pensamento psicanalítico de Sigmund Freud e do filósofo Bento Espinosa.

Palavras-Chave: arte; poema em prosa; ensaio; Rimbaud; Benjamin.

Abstract

In this essay, I present two authors, Arthur Rimbaud and Walter Benjamin, in aspects of their lives and works in which some common trait is perceived - with an emphasis on Arthur Rimbaud. Benjamin has a work on Rimbaud that is object of study in this analysis. Rimbaud lived - live! his poetry. I part of the first poem of free verse written by Rimbaud towards the analysis of his poem-in-prose - A season in hell - as the expression of his time in the form of a work of art. Arthur Rimbaud is pure life. Walter Benjamin - melancholy. Rimbaud lives his poetry on himself - for himself. Rimbaud lives with imagine and writes - poetess! He prophesies what will live next. Benjamin - reflects on what Rimbaud writes and lives. "Do not you immortalize your sadness?" in philosophy! he expresses the anguish of the exile of himself in himself without God. Rimbaud eternalizes every affective movement that his restless soul throws at his being - wanting to break in the spectacular that takes place - is made present by a violent incursion into the present. In this essay - in the analysis of the work of art as an expression of an era, it will be worked the texts of Benjamin - Surrealism

¹ Médico psiquiatra – mestre em Filosofia pela UCS e doutorando em Filosofia pela PUCRS..



and The Work of Art -; references will also be made to the psychoanalytic thinking of Sigmund Freud and that of the philosopher Bento Espinosa

Keywords: art; prose poem; essay; Rimbaud; Benjamin.

OBJETO DE UM ENSAIO

Eis! um ensaio. Um ensaio do início da liberdade no verso livre:

As naus de prata e de cobre
As proas de aço e de prata
Batem espuma
Levantam as raízes dos espinhos
As correntes dos charcos
E os sulcos imensos do refluxo
Fluem circularmente para leste
Para as pilastras da floresta
Para as hastes do quebra-mar
No ângulo ferido por turbilhões de luz.
(Marsicano, 2008, p. 106).

Eis o ensaio de um poeta-poema – do poeta-poema:

[...] consegui fazer desaparecer no meu espírito toda a esperança humana. Para extirpar qualquer alegria dava o salto mudo do animal feroz. Chamei o pelotão para, morrendo, morder a coroa dos fuzis. Chamei os torturadores para me afogarem com areia, sangue. A desgraça foi meu Deus. Me estendi na lama. Fui me secar no ar do crime. Preguei peças a loucura (Rimbaud, 2007, p. 17).

Meditando! meditemos. – Diligentes – meditemos concentrados no foco de toda a dispersa atenção – de meninos Jesus engelhados, ali sem se mover, tão bem se sentem – nos sentimos – ajoelhados (Rimbaud, 1995) – Este estudo visa pensar o poema-em-prosa de Rimbaud – Uma temporada no inferno – enlaçando-o aos textos de Walter Benjamin – com especial ênfase, em “O Surrealismo” e “A Obra de Arte” – no deserto de pós-verdades na realidade quase estéril do instante presente, reflexionar no ser que em si se constrói a sua própria obra de arte.

Como uma reminiscência no inconsciente, a guiar um veloz passageiro – o pensamento – o mal-estar na civilização, de Sigmund Freud.

Companheiro eterno de infinitas caminhadas – o amigo Espinosa – sempre! presente – convidar-se-á a falar se isto se tornar necessário. Outros autores se fazem lembrados neste festim em que todos os corações se abriam – e – todos os vinhos corriam. (Rimbaud, 2007, p. 17).

“E a primavera me trouxe o riso horrível do idiota” (Rimbaud, 2007, p. 17).

ARTUR RIMBAUD

Como um anjo – caído dos céus – com seus cabelos crespos indomáveis – com olhos profundamente azuis – azul celeste – Rimbaud nasce em Charleville no dia 20 de outubro de 1854. Ele nasce na casa de seus pais em cima de uma livraria. Sua mãe cuidará de tudo – seu pai – um belo capitão do exército francês – em permanente atividade – estará presente em todas as guerras da bela época – mas, ou até por estar sempre em campanha militar, ele tem a oportunidade de escrever vários livros e, inclusive, traduz o Alcorão.

Desde sempre a África é o destino dos homens da família Rimbaud. Seu pai vive por muitos anos em uma base na Argélia – seu tio fugiu para lá, onde passou muitos anos – lutando. Sob o sol africano estes franceses tinham sua delicada pele pintada de dourado. Logo, Artur Rimbaud irá se encontrar com eles. De seu pai, canta e encanta subversivamente como um cavaleiro de desérticas areias escaldantes, ativo – completa atividade fluida em si e por si mesma – masculinamente altivo, ele escreve:

às vezes pensava em seu pai
à noite, os jogos de cartas e as palavras mais
libertinas,
o vizinho, e eu que era deixado de lado, já se
viu...
– Pois um pai é perturbador! – e o que se
concebia!

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Seu joelho, às vezes carinhosos: suas calças
cuja fenda meu dedo ansiava abrir... - oh! não!
para ter a extremidade grossa, preta e dura de
meu pai,
cuja mão peluda me ninava!....
(White, 2010, p. 20)

Rimbaud caminha pela Europa - não há
família onde não será conhecido - conhece sua
natureza rimbaudiana e vai ao mundo
confessar-se. Obedece ao dogma aristocrático
e entra - para encontrar o Grael - o seu Grael
- em um ponto da floresta nunca explorado.
Segue:

guardo Deus com gula. Sou de raça inferior
por toda a eternidade. Eis-me na praia
provinciana, Que as cidades se acendam de
noite. Minha jornada terminou, abandono a
Europa. O ar marinho queimará meus
pulmões, climas ignotos me curtirão. Nadar,
desbastar verdes, caçar, sobretudo fumar;
tomar bebidas fortes como metal fundido,
como faziam nossos caros ancestrais em volta
do fogo (Rimbaud, 2007, p. 27).

Prevê:

voltarei, com membros de ferro, a pele
sombria, olhar furioso; pela máscara, me
julgarão raça forte. Terei dinheiro; vou ser
ocioso e brutal. [...] Por ora sou maldito, tenho
horror da pátria. O melhor é um sono bem
bêbado na praia. (Rimbaud, 2007, p. 27).

Em 02 de setembro de 1870, em Sedan,
poucos metros de Charleville, Napoleão III,
vergonhosamente, é capturado, com 100 mil
soldados - 100 mil! Soldados. - Assim, os
prussianos, então, enfurecidos, se derramam
por toda França causando um período caótico
e instável até a instalação da Terceira
República. Mas para Artur, que estava
viajando (estava em Douai, com seu professor
Izambard e suas tias) e não podia retornar
para casa por causa das barreiras prussianas,
o miserável fim do II Império, representou a
possibilidade de ser expressão livre de seus
impulsos e desejos. Podia ser e fazer quem ele
era pela primeira, mas não a última vez. A
queda do Império - o confirma para a vida
livre. Será um homem livre.

Ele vive o que prevê na "Temporada do
Inferno" - volta queimado do sol africano -
rico, sempre foi rico, somente ele não o
percebera - mas, seus membros não estavam
fortes como imaginara. - Sua irmã cumpre
todos os demais desejos - menos um. Aden!
seu destino poetizado não se cumpre. Um
último ato - sem ele, com ele - com e pelo
sincero amor de uma irmã - todos os círios -
todas as velas acessas - todos os paramentos
imaculados - profusão de oficiantes - seu
antigo professor de instrução religiosa - e - o
mais poético e rimbaudiano: a igreja
completamente vazia. Mesmo sem ser a sua
intenção, sua mãe poetiza o começo da lenda
- o poeta-poema preenche toda a nave da
igreja - da Igreja! da poesia. Nunca morreu!
permanece nos corações e mentes de todos os
homens.

WALTER BENJAMIN

Nasce em Berlim no dia 15 de julho de
1882 - não conhece, portanto, Artur Rimbaud.
Irá - penso - ler Rimbaud. Nada encontrei
sobre sua infância: para Benjamin a criança é
um sujeito envolto na complexidade da trama
social - parte [única] imersa na historicidade
de seu tempo - com suas formas ímpares de
ser e estar no mundo (Santos, 2015). Em 1913
entra na universidade e em 1915 encontra
quem será grande amigo Gershom Scholem.
Em 1917 casa-se, indo morar em Berna. Na
década de trinta, sua vida muda: seus pais
falecem, se separa da esposa - em 1935 se
refugia em Paris. Assistindo a ascensão da
escuridão - do nazismo - e, afirma em uma de
suas cartas ao amigo que cada linha escrita e
publicada é uma vitória em relação à
escuridão que vai tomando conta da Europa.
Escrever é dito por ele a maneira de resistir e
manter-se livre. Mas, Benjamin não é um
espírito ativo - não é um espírito irrequieto e
instintivo e naturalmente ativo e livre - ele é
melancólico. Resiste o quanto lhe é natural.

Em 1940, a República Francesa -
surpreendida em sua total inabilidade
estratégica - militar, apesar da ajuda do
exército expedicionário britânico -
vergonhosamente - e, embaraçosamente -

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



muito rapidamente – cai perto de Charleville – em Sedan, como em 1870. Os exércitos prussianos entram no dia 11 de maio na França. O exército francês é dividido pelas divisões prussianas, que atravessando as florestas ardenenses instalam o caos. A fuga é tão desesperada que impedem a reorganização das tropas para qualquer tentativa de resistência. Parte do exército – com algumas divisões inglesas – é empurrado para o mar – onde ficam encurraladas...

O desespero – mesmo entre os militares – é total. Por sorte, o exército alemão é travado perto do mar. Do dia 22 de maio ao dia 04 de junho – milhares de soldados – 300 mil soldados de várias nacionalidades – presos em Dunquerque – conseguem ser evacuados e, assim, evitando suas mortes e provavelmente, a morte da própria Europa – a morte da liberdade – a morte do mundo livre.

O pânico torna-se uma verdade real – o exército prussiano não tem como ser parado. E, assim, novamente, como sob o Império de Napoleão III, a França estava aberta para o derramamento das tropas prussianas por todo o seu território. E, foi isto que aconteceu. Mesmo tendo o mesmo número de soldados e tanques, em três semanas, para surpresa até mesmo dos próprios generais prussianos, a França – a República Francesa estava desmantelada. O pânico – ao perceber o derretimento tão rápido e chocante das linhas de defesa na fronteira tomou conta do país. Em 14 de junho Paris é prussiana – antes disto Walter Benjamin deixa a capital – em 22 de junho a rendição total. A França – como conhecida há séculos – já não mais existe.

Desespero! a morte não é mais esperada – está na esquina.

Sai de Paris – pode ir para a América; mas quem lhe pode impedir é a França – ele não tem permissão para deixar o país. Sobre montanha faz seu destino – em 26 de setembro de 1940 – os fatos correr nestes lúgubres dias – vida feita, refeita, desfeita e a ser novamente feita - contra a lei que se

mostrara não mais soberana e digna- ele cursa a fronteira impedida.

Faz-se! o início do ser livre que pretende vir a ser – longe das sombras que esmagam e engendram a impossibilidade do pensar diferente. E, então, já em Portbou, ele novamente é rejeitado. Novamente ouve o que antes ouvira em Frankfurt – onde lhe é dito ser opaco e incompreensível. Ele ouve o que ouvira, como um jovem judeu pobre, durante toda sua vida – uma vida excepcionalmente vivida – não! este lugar não é seu. Conheceu o teto da estação central – belíssimo – a passagem – teria ele previsto seu destino, como Rimbaud? Viu a passagem de vidro da estação central por minutos. A polícia o impede de prosseguir – lhe dá um dia para, na bela Portbou, descansar no Hotel de França. Dizem-lhe que seu destino – amanhã – será a França – que não mais existe – será à sombra do exército huno – a morte!

Neste mundo não há lugar para nós – não há lugar para Rimbauds, Benjamins e Espinosas. Amanhã – haverá um novo acordar? Ao diferente – ao qualquer indigesto diferente – à direita e à esquerda de Deus – um dia se lhe dará a chance de ser e estar?

Começo de um novo ano – 26 de setembro – o ano 5775 para Benjamin – o futuro lhe é barrado – ou interpreta assim. O futuro será com Benjamin, feito pelas mãos de Benjamin. – Se despede – e, descansou – nova rejeição? – em solo católico O poeta Brian Ferneyhough – Shadowtime – escreve:

O futuro parece certo
certo
que prosseguirá
sem nós.
O futuro parece certo
que prosseguirá
prosseguirá
O futuro parece
que prosseguirá
o futuro certo
parece certo
prosseguirá
sem nós.

(Escamandro. 2017, s/p).



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Benjamin se despedindo escreve:

numa situação sem saída, não tenho outra escolha senão pôr fim a tudo. É num vilarejo nos Pirineus onde ninguém me conhece que minha vida vai se acabar. Peço-lhe que transmita meus pensamentos ao meu amigo Adorno e lhe explique a situação em que me vi colocado. Não me resta muito tempo para escrever todas aquelas cartas que eu desejava. (Escamandro. 2017, s/p).

Adriano Scandolaro talvez – falando por ele – lhe responda – nos responda²:

não vos esqueçais de mim,
meu sangue há de inundar o ar
que respirais.

Diferentemente do que aconteceu com Rimbaud com a queda do Império Napoleônico – a queda da República Francesa não representou para Benjamin um encontro com a liberdade. Pode-se ver, contudo, uma semelhança, pois estes dois homens vivendo episódios tão semelhantes deixam fluir os aspectos mais profundos de sua personalidade. Rimbaud, por não poder voltar para casa, sentindo-se forte, viril e livre, vai a Paris conhece a comuna que lá se instalara – expressa com os camaradas revolucionários sua juvenil masculinidade. Benjamin de seu modo – é e se expressa como ele vê e interpreta o que está a acontecer. São suas próprias experiências vívidas vividas. Para Rimbaud o sentimento é de alegria e liberdade; para Benjamin é de tristeza, desespero e de paralisia. Rimbaud já era poeta antes da queda; com a queda se confirma como o vivo poema-poeta – o poema-poeta vivo em si mesmo por si mesmo. Benjamin escrevia antes da queda; depois da queda – com seu suicídio – poetizando em si mesmo o desesperado desamparo da melancolia – faz-se filósofo.

Morreu? na fronteira de uma decisão? Identifica-se no mundo – que não! ele não morre – não morreu.

O MUNDO PERPLEXO EM SI MESMO

Na mesma cidade – Sedan – em setenta anos, a França se dissolve como uma gota d'água em uma folha de palmeira sob o trépido sol da Etiópia. Em 1870, dois Impérios ali se encontraram. Ainda existia entre os homens – mesmo em guerra – um respeito à dignidade do ser humano: ou um soldado a ser combatido, uma vez caído ao chão reassumia sua sempre presente identidade de ser humano. Para ele, a guerra parava – voltava à condição de homem: seria socorrido mesmo pelas tropas 'inimigas'. Foi assim com Napoleão III e seus cem mil homens – suas vidas nunca correram o risco após sua rendição. Em 1940, toda a honra e dignidade humana – como já acontecera em 1914-18 – não mais existiam. Os trezentos mil homens encurralados contra o mar iriam ser massacrados – disso não se tem a menor dúvida. Isto explica a diferença afetiva encontrada em nossos dois homens-personagens.

Rimbaud sentiu o vento da esperada liberdade – durou pouco – mas ele a conheceu quando sem conseguir voltar para casa – não querendo voltar para casa – se dirige a Paris para participar da comuna. As estradas estão tomadas pelos hunos. Não há como se mover na França – menos para o homem-adolescente-homem – a atividade em pessoa – Artur Rimbaud tem apenas 16 anos - que é a realização em si de seu desejo – caminha pelos campos franceses – vai a Paris. Os prussianos não lhe atrapalham – na verdade, com os franceses preocupados em se defender dos alemães – Rimbaud viu a senda aberta para nela trilhar livremente.

É bem recebido em Paris – os camaradas o identificam com a nova possível França. Descartadas todas as toscas interpretações psicanalíticas que se fizeram deste momento – que nunca encontraram base na realidade (um puro devaneio de algumas mentes psicanalíticas preconceituosas) – Rimbaud em

² Isto é pura imaginação do autor deste ensaio – retirado do site Escamandro.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Paris deixa de ser o poeta-homem-criança e adentra por si mesmo na vida de poeta-homem-poema. Ele arromba mais uma vez a realidade e, com a ajuda de seus amados camaradas desperta para uma vida de ação. Um ano antes, aos quinze anos, escrevera, prevendo este momento de seu país e dele mesmo:

Como era bom ouvir as frases repetidas!
- Tudo agora mudou naquele lar de outrora:
Um fogo a crepitar, brilhante, na lareira,
Que o velho quarto inteiro iluminava em volta;
E o reflexo vermelho, emanando das chamas,
Vinha sobre o verniz dos móveis rodopiar...
- Não tinha chave o armário!... aberto, o grande
armário!
Não cansavam de olhar suas portas escuras...
Sem chaves!... era estranho!... às vezes que
sonharam
Com os mistérios que haviam a dormir em seu
ventre
E pensavam ouvir, vindo da fechadura
Imensa, um ruído vago, um murmurar distante...
- Hoje o quarto dos pais inteiro está vazio:
Sob a porta nenhum reflexo de luz passa;
Já não há pais, nem lar, nem chaves escondidas:
Acabaram, por isso, os beijos e as surpresas!
(Rimbaud, 1995, p. 35-37).

Em 1940 - o mundo é outro. Duas Repúblicas se enfrentam - sem qualquer código de honra. Se em 1870 à guerra faltava qualquer nexo - em 1940 há uma lógica perversa: o objetivo é a completa dominação de um povo sobre todos os outros povos. - Não mais haveria outro em um futuro em breve - haveria só o mesmo do mesmo: este é o mote da conflagração. Morte - morte inútil de milhares de jovens - milhares de benjamins e de rimbauds - terrivelmente insuportável em 1914-18 - assume o turvo aterrorizante caráter de absoluta normalidade: - e, se repete! assassina.

A entrada na França acontece por onde não se previa. Surpresa! desnuda o ridículo despreparo francês. Puro desespero. Os exércitos franceses inexplicavelmente se dissolveram - os soldados viram o horror a sua frente e dentro deles mesmo. Instalou-se o caos. Não houve a entrada das tropas prussianas como em 1870 se espalhando em

território francês o que - até, de certo modo - pela honra militar respeitadas por ambos os lados - resultou em um precário ordenamento - não houve o caos. Em 1940 as tropas francesas e inglesas - absurda e inesperadamente surpresas - se movimentaram confusas - o que assusta mais ainda a população. Desta vez, um número maior de soldados - trezentos mil - está encurralado. Irão morrer - mesmo que se rendam - irão morrer - e - com eles - seus países - o mundo - mundo livre. Mais que as tropas - a população civil entendeu o que acontecia - em poucos dias - visto que os alemães estavam retidos próximos - todos estes homens foram evacuados. Mesmo que a operação Dunquerque tenha tido êxito - o próprio modo de salvar os combates - mostrou que a saída para salvar-se seria fugir do exército prussiano.

Se em 1870 a queda do Império de certo modo cria uma ideia de liberdade - de uma nova França; em 1940, a queda da República significa o fim da França - cria a ideia de morte - de morte certa: do país, da nação, do indivíduo. Foi assim, provavelmente, que entendeu Walter Benjamin o momento que vive. A única coisa a ser feita: fugir! para longe das sombras. Para isto - a passagem - frágil - para um outro lugar - para uma região mais segura.

Rimbaud é um homem que confia em si - e - encontra a possibilidade de livre se expressar com a queda do Império. Benjamin é um homem triste e melancólico - e - com a queda da República materializou seu pavor de um dos homens mais solitários do mundo em sua dramática caminhada pelos Pirineus - passagem sem tetos de vidro - uma passagem cujo teto é o próprio céu da despedida de uma época. Caminhando para Portbou - não tem membros férreos - tem a disposição de pular em direção ao nada: ele caminha para seu natural futuro. Benjamin - inquieto ou ansioso? - não quer esperar que o outro lhe diga a que veio - não quer ver o rosto do outro lhe rejeitando novamente - como imagina que acontecerá. Foi Freud (1974b, p. 345) quem escreveu - mas poderia ter sido Benjamin:

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

algum tempo atrás, fiz um passeio por uma rica paisagem num dia de verão em companhia de um amigo taciturno e de um poeta jovem, mas já famoso. O poeta admirava a beleza do cenário que nos rodeava, porém não se alegrava com ela. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava condenada à extinção, pois desapareceria no inverno, e assim toda a beleza humana e tudo de belo e nobre que os homens criaram ou poderiam criar. Tudo o mais que, de outro modo, ele teria admirado, lhe parecia despojado de valor pela transitoriedade que era o destino de tudo [...]. Eu não pude me decidir a refutar a transitoriedade universal, nem obter uma exceção para o belo e o perfeito. Mas contestei a visão do poeta pessimista, de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização [...]. Vemos desaparecer a beleza do rosto e do corpo humanos no curso de nossa vida, mas essa brevidade lhes acrescenta mais um encanto. Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso [...].

DOIS HOMENS – UMA SOBRA – TÃO DIFERENTES

Artur Rimbaud é pura vida. Walter Benjamin – melancolia. Rimbaud vive sua poesia em si mesmo – para si mesmo. Rimbaud vive como imagina e escreve – poeta! profetisa o que viverá em seguida. Benjamin – reflete sobre o que Rimbaud escreve e vive. – Não imortaliza a sua tristeza? na filosofia! expressa a angustia do exilado de si mesmo em si mesmo sem Deus. Rimbaud eterniza cada movimento afetivo que sua alma inquieta lhe joga ao seu existir – querendo arrombar o espetacular que transcorre – se faz presente por violenta incursão no presente. Rimbaud (2007, p. 17) escreve:

uma noite, fiz a Beleza sentar no meu colo. E
achei amarga. Injuriei.
Me preveni contra a justiça. Fugi. Ó bruxas, ó
miséria, ó ódio, a vós meu tesouro foi
entregue! Consegui fazer desaparecer no meu
espírito toda a esperança humana. Para
extirpar qualquer alegria dava o salto do
animal feroz.

Benjamin? – É – o diferente de uma escola que diz respeitar o diferente – mas – vai precisar morrer – matar-se no seu desesperado desamparo para passar a ser. Barrado na estrada da vida – sentindo só – sozinho – abandonado – desamparado no desespero triste do melancólico – não se dá a chance do amanhã. Não cruzando a fronteira a destrói. Corta a vida – encontra a morte – se faz filósofo!

Dois bruxos! em seus textos eles preveem o futuro? – o futuro deles? ou o nosso?

Benjamin apresenta Rimbaud como o poeta surrealista – o surrealismo poeta: vida-poema-existência. Surrealizando a sua vida – Rimbaud (1995, p.99) diz de si adolescente:

Não se pode ser sério aos dezessete anos.
– Um dia, dá-se adeus ao chope e à limonada,
À bulha dos cafés de lustres suburbanos!
– E vai-se sob a ver aleia de uma estrada.

Rimbaud é o primeiro – talvez – o único grande poeta que se faz poesia ainda criança. Nasceu de sangue ruim – mau sangue – em 20 de outubro de 1854 em Charleville. Diz (Rimbaud, 2007, p.21):

tenho dos ancestrais gauleses olhos azuis-claros, crânio estreito, imperícia na luta. Minha vestimenta acho tão bárbara quanto a deles, mas não emplastro o cabelo.
Os gauleses eram os carneadores de animais e queimadores de campo mais ineptos da época.

Tenho deles a idolatria e o amor do sacrilégio, a luxúria –, sobretudo a mentira e a preguiça.

Sua carreira de poeta é curta – [?] – dura tão somente quatro anos – aos dezenove anos para de escrever. – E, transforma-se e é a sua última poesia: uma temporada no inferno. Precisou de apenas! quatro anos para mudar o mundo. – E, o conquistou! À África – partirá – como seu pai – seu irmão. Ela – ele também irá conquistar. Agora, irá poetar! em si por si mesmo – também sem Deus.

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

A África será em breve seu destino: escreve nos penhascos do reino etíope o que viveu na temporada que esteve no inferno da terra gaulesa. – terra da família. A carreira do poeta maldito dura apenas quatro anos, com 19 anos parte para África para fazer-se poesia: vai ganhar dinheiro, traficar armas, viver sobre o sol para ter sua pele queimada como previsto. Escrever, somente como observador, de suas novas realidade. Novas?

Rimbaud viveu – vive! sua poesia.

Mesmo tendo escrito que “[...] é o belo considerado como resultante do racional e do sensível, no que reside [...] a verdadeira realidade” (Hegel, 1996, p. 82) – referindo-se a Schiller – Hegel confessa entender que o belo artístico é superior ao belo natural. (Hegel, 1996, p. 3-4) – Não conheceu Rimbaud – morrera antes. Talvez pudesse ter mudado seu juízo se tivesse encontrado Artur no passado – feito o espírito absoluto – um espírito absoluto em si para si e por si – passando por de baixo de sua janela. – Teria conhecido o poeta-poema – para checar o que pensara. Os poemas de Rimbaud são sua vida – sua existência, sua poesia. O próprio Hegel (1996, p. 4) expressa:

tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza. A pior das ideias que perpassa pelo espírito de um homem é melhor e mais elevada do que uma grandiosa produção da natureza – justamente porque essa ideia participa do espírito, porque o espiritual é superior ao natural.

Em Rimbaud tudo provém de seu irrequieto e instigante espírito. É sua alma encarnada – emanada no agir do instante presente – se faz permanentemente objeto amoroso que nunca – jamais – se despe de sua pura dignidade em sua pura honestidade de ser. Rimbaud é.

Benjamin (1983, p. 5) reconhece que toda obra pode vir a ser copiada, porém, nunca, percebeu que uma obra literária ou filosófica poderia se reproduzir no mundo. Afirma que ao ser reproduzida a obra de arte perde sua aura. Será? Será que Rimbaud é cópia? quando

ele é cópia? quando escreve ou quando age? ambos não seriam a expressão prístina de seu ser, enquanto Rimbaud, perseverar sendo Rimbaud?

Tudo certamente é espírito.

Benjamin aponta Rimbaud como o próprio surrealismo (Tales, 2012).

Penso em um jovem poeta e um jovem filósofo e caminho – o meu caminho pela fria praia de um distante lago neste início da primavera. Meu cão – um imenso cão – me acompanha a memória: se fosse possível explicar todas as suas tristezas, as entenderia melhor? Sua bondade e sua caridade, sozinhas, lhe darão direito de ser no mundo real? (Rimbaud, 2007, p. 59).

Assim e novamente: “a primavera me trouxe o riso horrível do idiota” (Rimbaud, 2007, p. 17). Benjamin e Rimbaud dois jovens – dois sonhadores – ambos poetizam: sonham, escrevem e vivem o que sonham e escrevem. Ambos – ao seu modo – arrombam a realidade dos espíritos medíocres que os julgavam meninos insolentes. Benjamin responde com o ato de fazer a si mesmo. Rimbaud (1995, p. 153) nos conta que seu “coração foi roubado” na comuna de Paris:

Itifálicos, soldadescos,
Foi por insultos depravado! Fazem, chegando a tarde, afrescos
Itifálicos, soldadescos.
Fluxos abracadabrantescos,
Salvai meu coração coitado:
Itifálicos, soldadescos,
Foi por insultos depravado!

E, então, convida os corvos a falarem:

Senhor, quando há frio no prado,
quando nos vilarejos pobres,
dos ângelus calam-se os dobres...
Sobre esse mundo desolado
Fazei cair dos céus ciosos
Os caros corvos deliciosos.
Hordas hostis de uivos sicários,
Invadem vosso ninho os frios
Ventos! (Rimbaud, 1995, p. 122).

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Benjamin (1983, p. 75) escreve: “correntes espirituais podem alcançar quedas suficientemente abruptas para permitirem ao crítico estabelecer a sua casa de força.” Rimbaud é a potência viva da poética feita vida – feito prosa. Ambos queimaram – não a árvore venerada da massa saxônica – não! seria muito desrespeito (Freud 1974a, p. 54) – queimaram a ignorância remanescente em um “ribeirinho estreito, alimentado pelo tédio úmido [...]” (Benjamin, 1983, p. 75). Uma força destrói a civilização que se construía? – ou – uma civilização destrói a força que se construía? – ‘pseudo-sábios’, que ainda hoje não ultrapassam os “princípios autênticos” do movimento e que, mesmo hoje, nada sabem expressar senão a sua opinião de que aqui ainda uma vez uma “igrejinha” de literatos se empenha em mistificar a honrada opinião pública, assemelham-se um pouco àquela reunião de peritos, que numa fonte chegam, após madura reflexão, a convencer-se de que essa pequena nascente jamais terá força par impelir turbinas’ (Benjamin, 1983, p.75). – não! a fonte movia o mundo.

A fonte impele a vida – move o mundo. Intelectos presos à razão – perderam. Preocupados com turbinas – com o concreto – perderam a vida: perderam o eterno presente no presente. Os meninos poetas seguem. “A caridade é a chave. – Inspiração que prova que eu estava sonhando!” (Rimbaud, 2007, p. 19).

Perderam de se desencilhar de sua eterna crise de inteligência – movendo-se e morrendo em suas eternas discussões secas. Perderam-se em seus escuros cantos de um saber pensado – crendo conhecer, prenderam-se em si mesmos em seu ignorante orgulho de civilização oceanicamente instruída no esquecimento do real:

Ó soberbos titulares,
tão desdenhosos e altivos!
Por fictícia austeridade,
vãs razões, falsos motivos,
inutilmente matastes:
-vossos mortos são mais vivos;
e, sobre vós, de longe abrem
grandes olhos pensativos.

(Meirelles, 1953, p. 228).

O autor do presente ensaio discorda da opinião de Benjamin (1983, p.5) quando afirma literalmente que “a obra de arte, por princípio, foi sempre suscetível de reprodução. O que alguns homens fizeram podia ser refeito por outros”. Porém, na verdade, concorda-se com o que realmente Benjamin quer explicitar quando escreve este enunciado. Pessoalmente, considero irrealizável a reprodução de uma obra de arte: uma obra de arte jamais é ou foi suscetível de reprodução, enquanto obra de arte. Podem ser feitas cópias de uma escultura, por exemplo – mas, a cópia desde sua essência perde a liberdade intrínseca ou imanente presente em uma obra de arte desde sua concepção na mente do artista. A cópia – feita por um copista ou, até mesmo, por uma máquina – tem que ser a perfeita reprodução de algo – ou seja, há na essência da cópia a presença da ideia de perfeição. Esta ideia inexiste em qualquer obra de arte – a não ser a perfeição senão como fora definida por Espinosa: por perfeição e realidade são entendidas como uma só e mesma coisa. (Espinosa, 2008, EIID6). A obra de arte é a expressão imanente da natureza do artista na interdependência absolutamente determinada com o modo de se constituir enquanto obra de arte (sua forma ou seu projeto – o material do qual é feita – os processos artísticos envolvidos em sua realização, por exemplo).

Deste modo, a diferença básica que há entre uma obra de arte e uma cópia artesanal ou é o fato de que a primeira está livre de uma perfeição imposta fora de si mesma – a reprodução sempre visa a perfeição entendida como identidade de correspondência ao algo reproduzido. A cópia perde a liberdade imanente e absolutamente determinada pela natureza do artista e de sua causa material, o que é a própria definição que torna algo uma obra de arte. – Mesmo um parafuso, se pensado e executado por um artista é a expressão absoluta deste artista no material que este artista escolher para o executar. A cópia de uma obra de arte – deste singular, particular e único parafuso – desde sempre



TEATRO: criação e construção de conhecimento

procura o parafuso perfeito no parafuso imperfeito enquanto obra de arte. Procura a reprodução perfeita daquela singularidade – procura a perfeita repetição da expressão real – por que não dizer, procura a perfeita reprodução de algo que se expressa de forma imperfeita – na obra de arte – naquela obra de arte. A arte é a expressão de uma realidade imanente – a cópia é uma execução instrumental pela razão que procura a reprodução desta realidade imanente – o que por ser cópia, jamais conseguirá – ou seja, jamais uma cópia consegue reproduzir a realidade imanente presente na obra de arte.

Como mesmo Benjamin afirma – a reprodução perde a aura implícita da obra de arte. A cópia ou reprodução perde a imanente liberdade característica da obra de arte – passando a ser um objeto que tem uma utilidade – não mais unicamente estética. Não é algo unicamente estético em si mesmo, senão algo com um objetivo o qual é suprasumido de si mesmo – uma negação de si mesmo, enquanto simples cópia.

“David” de Michelangelo é único – nenhuma cópia conseguirá ser o que ele – ou ela, escultura – é sendo. E, então, um artista ou uma vida artística pode ser reproduzido? Impossível! O que Rimbaud fez enquanto poeta e enquanto homem – ninguém conseguirá reproduzir. Imitar? nunca! Tê-lo como um modelo admirado no qual se informa e desinforma de formas prévias preconceituosas para ser no mundo? Sim! como um modelo – inatingível. A ideia não é copiá-lo no sentido benjaminiano. Talvez – reproduzi-lo no que lhe é essencial: no ser a si mesmo sem amarras habituais – quaisquer amarras conceituais que impeçam o verdadeiro e real fluxo do ser para si em si por si. Nem o Benjamin pode ser reproduzido. Benjamin em seu sombrio sofrimento é único – deve ser lembrado por sua obra de arte que escrevendo viveu em si mesmo.

Esta! – uma história bem antiga de retorno a si mesmo. Rimbaud escreve:

Ah! voltar à vida! Lançar os olhos sobre nossas deformidades. E este veneno, este beijo mil vezes maldito! Minha fraqueza, a crueldade do mundo! Meu Deus, piedade, esconde-me, me aguento mal! – Estou oculto e não estou.
(Rimbaud, 2007, p. 47).

Complementa:

Oh! Eis que o Homem ergue a fronte livre e
altiva!
E o súbito radiar da beleza primeira
Faz palpita o deus em seu altar de carne!
Tudo ele quer sondar, – saber! O pensamento,
Dispara-lhe da frente! Em busca do Porquê!...
Deixai-o saltar livre, e o Homem terá Fé!
[...]
Abriu-se o céu imenso! Os mistério morreram
Diante do Homem, de pé, que cruza os braços
fortes
No esplendor colossal da rica natureza!
[...]
Chegou a Redenção! é o amor! é o amor!
[...]
E no bosque sagrado, entre as horrendas
árvores,
Majestosos, de pé, os Mármores sóbrios,
Os Deuses, frente os quais o Prisco faz seu
ninho,
– Os Deuses põem-se a ouvir os Homens e o
Infinito!
(Rimbaud, 1995, p. 47-49).

PASSAGEM: O POETA-POEMA AO HOMEM

Rimbaud chega a Harar cavalgando – 1880 – agora é um homem! o que sempre foi – o mais masculino de todos homens – o mais viril, forte e vigoroso de todos os franceses. Começa atravessando as longas planícies costeiras até chegar à muralha de pedra – aos contrafortes de Harar. Eleva-se aos céus – faz trezentos quilômetros em vinte dias e sobe 2500 metros: é o primeiro homem europeu a romper as regras do verso – do masculino – das africanas montanhas. Megulhando em busca de si mesmo, nestas terras escaldantes e gélidas, avista uma paisagem ininterrupta de areias, rochas, homens, espinhos, confiança em si mesmo:

[...] tenho todos os talentos! – não há ninguém aqui e há alguém: não gostaria de espalhar

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

meu tesou. – querem cantos negro, danças de huris? Querem que eu desapareça, que mergulhe em busca do anel? Querem? Farei ouro, remédios. [...] todos, venham – mesmo as criancinhas – que os consolarei, reparto o coração dele – o coração maravilhoso! – Pobres homens, trabalhadores! Não peço por preces; com sua confiança apenas, estou satisfeito (Rimbaud, 2007, p. 46,47).

Rimbaud escreve seus versos até os 20 anos – agora vai tornar o que escrevera a mais pura e perfeita realidade de sua inquietante personalidade masculina. Dizem que nunca mais escreveu um verso sequer desde então – e por que faria? Emudeceu? (Carpeaux, 2011, p. 2123). certamente não!

Sua vida – masculina do início ao fim – é poesia – pura poesia. Até os vinte escreveu em folhas de papel como ninguém jamais tivera feito e que até hoje – 2017 – ninguém repetiu. E, nunca repetirá! uma vez só na vida da humanidade um anjo de cabelos louros revoltos e olhos azulíssimos quase brancos nascerá.

Seu verso é livre – conta nele o que em si existe – transporta seus viris sentimentos para o mundo. No papel e na África. Nunca foi um satã – muito menos um satã adolescente. A inveja assim o percebeu. É um homem – simplesmente o homem que ele é e que assumindo a si mesmo age! conforme sua natureza ordena.

Rimbaud rompeu o mundo – ele não passou – sua vida não foi uma passagem – ele arromba o mundo! Estupra todos os companheiros de todas imaginadas e reais comunas de todas as Paris de ontem, de hoje e de sempre. Sua revolução é a maior de todas as revoltas – sendo quem ele é: expõe o seu ser – rompe com o dito – rompe com o homem – rompe com Deus. E, assim, com a perfeita deformidade do caráter de um homem realmente vivo se expressa o divino que nele sempre restou:

Ah! voltar à vida! Lançar os olhos sobre nossas deformidades. E, este veneno, este beijo mil vezes maldito! Minha fraqueza, a crueldade do

mundo! meu Deus, piedade, esconde-me, me aguento mal! Estou oculto e não estou. (Rimbaud, 2007, p. 47).

Nunca esteve – e – nunca estará – enquanto um homem como ele existir sobre a terra. Seu maldito beijo – acorda todo o rebelde – que não sendo rebelde – sendo apenas ele mesmo – o singular – o outro – o diferente: grita! “estou ali!” (Rimbaud, 2007, p.47).

Carpeaux (2011, p. 2125) afirma o que poderá ser escrito depois da eternidade. Como outro poeta poderá escrever algo depois de a eternidade ter sido reencontrada? Pode escrever – mas a eternidade já foi por Rimbaud encontrada e mostrada a todos os homens que quiserem e puderem vê-la lá onde sempre ela esteve.

Dizem que fugiu do mundo. – ? – a África fica no mundo. No seu! mundo. – em todo mundo viril há sempre uma África – um contraforte – uma fortaleza a subir para encontrar a eternidade que pensara menino e a descobrindo sempiternamente no encontro de si consigo mesma – vivê-la como um(a) mar emaranhado no sol que o banha – banhar-se de dourado no azul da mar até quase se afogar de amor por poder vivo ser a expressão de vida – de sua divina vida – de sua vida.

Rimbaud – do mundo – não! foge. – O mundo o encontra em 1886. E, desde então, o mundo se mistura em seus versos – o mundo então finalmente conhece a eternidade de ser: “o trabalho humano! é a explosão que ilumina meu abismo de tempos em tempos. Nada é vaidade, à ciência, e avante!” (Rimbaud, 2007, p. 91).

Vanguarda! vanguarda pessoal? Simbolismo! simbolismo? (Tales, 2012).

UMA TEMPORADA NO INFERNO

Em “Tédio e o Eterno Retorno”, Benjamin assenta:

criança com a mãe no panorama. O panorama representa a batalha de Sedan. A criança acha tudo muito bonito: “Pena que o céu esteja encoberto”. – “Assim fica o tempo na guerra,

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

retruca a mãe". [...] Portanto, os panoramas, no fundo, estão comprometidos com este mundo nebuloso: a luminosidade de suas imagens parece transpassa-los como cortinas de chuva (Benjamin, 2009).

Qual é a batalha de Sedan que ele está a narrar? – a de Baudelaire? a de Rimbaud? a dele? a nossa por vir? Benjamin como Rimbaud possuirá o dom de prever? de ver o que se passará nas passagens futuras que logo passarão por olhos ainda vinculados ao passado? O homem desde os seus primórdios olhou o cosmos – e – se encantou – se extasiou com a ordem das estrelas sobre sua cabeça. Toda a atividade humana é para fugir ao tédio – ou não será?! que alguém responda ao filósofo.

Logo – sim! – sempre! – uma nova batalha há de acontecer no mesmo lugar – pelas circunstâncias e causas nunca enfrentadas e, assim, eternamente postergadas e deixadas ao esquecimento. Nem a chuva pode molhando as ideias – dissolvê-las no chão de pântano lamacento: o teto é de vidro – um luminoso vitral escurece o pensamento. Em algum momento, um! outro Napoleão III surge com seus milhares de homens franceses – envergonhados afundam suas cabeças por entre as pernas que agora choram. E, outras tropas hunas encurralarão o exército francês que em pânico em completa e confusa desordem se vê preso contra o mar. – Tudo é uma passagem.

Nada o protege da chuva – nem mesmo este belo teto de arco-íris. Caminha – cruza a fronteira – passagem – para onde? não sabe. E, novamente, ouve um não. Um homem privado – chamado Benjamin – fará a sua entrada na história através de um não – através da negação. O mundo – conhece – então – a arte asilada em seu interior (Benjamin, 2009, p. 59).

O concreto se faz casa – arquitetura – insinua-se em linhas de composição as quais corporificam a personalidade. De quem? de uma flor – de uma flor do mal – de uma vida vegetativa. Engenho alegórico – melancólico. Há um olhar distante para todas as coisas – um

flâneur flana – vagueia, sem decidir se há um aposento ou uma paisagem – quem sabe um aposento-paisagem – onde permanece a indeterminação e ambiguidade da ausência de consciência. Conspiradores profissionais? Sua única comunhão (sexual) foi com... não! foi – ele é judeu (Benjamin, 2009).

Baudelaire – mercadoria em poesia – poesia-mercadoria. Que seja! Chame do que quiser o poema é poema – e, único por ser a manufatura de uma alma que escapa pelas barras do típico sofrimento humano do querer dizer o que nele reside. Rimbaud – o protótipo masculino – ele próprio mercadoria de si mesmo – se consome até a última gota de suor sob o tórrido ambiente etíope em um ritual dionisíaco sagrado de entrega ao *dreamambular* por caminhos estranhos por encostas que levam ao reino do mais antigo dos reinos – ao reino do si mesmo. Pelo menos – Rimbaud comungou com todos a quem amou – e como comungou! Arrependeu-se? tudo indica que não:

Ó sombra misteriosa, impenetrável, funda
Por que, sem projeta a vela voa branca, afunda
Inda novo esse esquife real o mastro?
(Rimbaud, 1995, p. 291).

A história – a vida – precisa de algum trem? não! diria o poeta – prefere caminhar pelas estradas vendo a confusão que toma conta do país invadido após o ridículo napoleônico. Se – porém – assim for, não mais sombra misteriosa de um veleiro de velas brancas, mas um férreo trem – onde fica a estação de embarque? Mesmo com tudo que acontece – mesmo a tempestade – a poeira resta na alma.

Benjamin percebe que a poeira se deposita até mesmo sobre as mais promissoras revoluções: tudo é uma passagem de um ponto para outro nesta jornada que se faz presente na vida do revolucionário de ontem – e, hoje aquele que deliciosamente toma o seu chá no canto do universitário café – antes de logo mais ser guilhotinado por novas intrusivas convicções ou convenções. Passam as passageiras impressões formadas no passar do tempo no espaço de uma existência (Benjamin, 2009, p. 144).

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



Onde embarcar? E, como no tempo dos novos cézares, os eternos maiokovskies – os eternos rimbauds – nós – poderemos entrar? – Ou seremos barrados por macular – enxovalhar – o fidalgo vagão de puras ideias? Benjamins – Rimbauds caminham! não andam de trem.

Estava – ele – de frente a uma caixa de correio – última oportunidade de enviar um sinal ao mundo que abandona (Benjamin, 2009) – o que escrever?

Meu gosto agora se encerra
Em comer pedras e terra.
[...]
Rochas, o ar, carvões, o ferro.
[...]
Minhas fomes, são o ar negro;
O azul sineiro:
O estomago é que instiga
É o desespero.
(Rimbaud, 1995, p. 249)

Rimbaud escreve – Benjamin é quem recebe o soco do vento mediterrâneo. Uma caixa de correio na estação central de Portbou – nem Rimbaud foi tão triste – só! consigo mesmo – desolado sem com quem dividir seus mais profundos pensamentos – por uma interminável e tenebrosa noite – olha um estreito mar cercado por montanhas – e – ferros – muitos ferros de trens estacionados com o seu interior asilando os mais desesperados sentimentos. Terrível deve ter sido aquela noite – uma decisão. Tomada! Como deve ter sido terrível o fluxo de pensamentos e sentimentos – o desespero de não – nunca mais – poder ver o céu que amara no rosto do amigo. Uma noite – uma temporada interior no inferno de uma última decisão pessoal. Não é uma passagem – é o fim! que planeja. Rimbaud dita ao universo:

Sutil veneno embebe a ponta,
Levo-a. Que esteja sempre pronta
Nas horas em que ansiar a morte.
(Rimbaud, 1995, p. 313).

Solidão – minutos e horas se passam – passagem do tempo no tempo:

E embriagado o poeta engolia o Universo.
E chove suavemente sobre a vila.
Tenha cuidado, ó minha vida ausente.
(Rimbaud, 1995, p. 309).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário, dos pessimistas – sempre haverá o que vivenciar – desde que como Rimbaud se deixe viver o presente como ele se apresenta. Se o vento mudou – o vento ainda continua a dirigir o barco inflando as suas velas. Se o trem mudou – quem fez a mudança e dirige o trem é o homem. Liberdade ou desespero? – na queda do antigo regime – da antiga realidade – não são dadas intrinsecamente, pelo menos, não pelo mundo. Nada mudará se ao mundo reclamar – pode-se com membros fortes ou fracos ou como os tiver: caminhar – criar ou inventar passagens – cruzar fronteiras. Viver.

Marcel Raymond (1997, p. 26) nos conclui que:

Parece-me que Rimbaud permanece até o fim o não-conformista absoluto, que quebra os sistemas ou passa de um lado a outro. À margem de todos os “corpos de doutrina”, além das fórmulas, um ímpeto irreprimível levava-o para a conquista de um estado primitivo em que a alma pessoal, escapando de seus limites, restitui, numa embriaguez mística [mítica-meu], suas forças ao universal. “Filho do sol, centelha de ouro da luz natureza...” flutuando entre ritmos de música, viveu para estas aventuras excepcionais em que o universo, finalmente devolvido a si mesmo, sente-se por dentro como um braseiro imponderável de onde jorram, para cair inesgotavelmente, formas de chamas. Danças dionisíacas em que a alegria nasce de uma possessão imediata do todo, absorvido como uma essência sagrada.

Rimbaud (1995, p. 41) escreve o que sente – sensação:

Nas tarde de verão, irei pelos vergéis,
Picado pelo trigo, a pisar a erva miúda:
Sonhador, sentirei um frescor sob os pés
E o vento há de banhar-me a cabeça desnuda.
Calado seguirei, não pensarei em nada:
Mas infinito amor dentro do peito abrigo,

LEITE, Wiltonn William. O mais sozinho e (in)feliz de todos os homens no mundo: Benjamin-Rimbaud. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 05, N. 1, 2017, p. 81-95
Organização de Dossiê: Fábio Caires Correia & Oneide Perius.
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

E como um boêmio irei, bem longe pela
estrada,
Feliz – qual se levasse uma mulher comigo.

Rimbaud (2007, p. 7) nos apresenta –
generosamente divide com o mundo o eterno
que existe em si mesmo – em sua alma – que
conhece no encontro com o mundo:

Ela é reencontrada.
Que? A eternidade.
É a(o) mar misturada(o)
Ao sol
(Rimbaud, 1995, p. 234).³

94

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter (1983). *Textos Escolhidos*. Trad. José Grunnewald. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural.
- BENJAMIN, Walter (2009). *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. 2 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- CARPEAUX, Otto Maria (2011). *História da literatura ocidental*, volume IV. São Paulo: Leya.
- ESCAMANDRO (2017). *Escamandro - poesia tradução crítica*. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/about/>, Acessado em: 08/10/2017.
- ESPINOSA, Baruch (2008). *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, Sigmund (1974a). *O Mal-estar na Civilização*. Trad. José Octávio Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, Sigmund (1974b). *Sobre a Transitoriedade*. Trad. José Octávio Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1996). *Curso de Estética – O Belo na Arte*. Trad. Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes.
- MARSICANO, Alberto (2008). *Rimbaud por ele mesmo*. São Paulo: Marin Claret.
- MEIRELLES, Cecília (1953). *Dos Ilustres Assassinos*. Romanceiro da Inconfidência. Rio de Janeiro: Livro D Portugal.
- RIMBAUD, Arthur (1995). *Poesia Completa*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks.
- RIMBAUD, Arthur (2007). *Uma temporada no inferno*. Trad. Paulo Hecker Filho. 2.ed. Porto Alegre: LPM.
- RAYMOND, Marcel (1997). *De Baudelaire ao Surrealismo*. Trad. Fúlvia Moretto, Guacira Machado. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.
- SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos (2015). Walter Benjamin e a experiência infantil: contribuição para educação infantil. *Pró-Posições*, v. 26, n. 2 (77), p. 223-239.

³ Elle est retrouvée. / Quoi? – L'Éternité. / C'est la mer mêlée / Au soleil.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

TALES, Gilberto Mendonça (2012). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

WHITE, Edmund (2010). *Rimbaud: a vida de um rebelde*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Companhia das Letras.